

**DE BELÉM À ENCRUZILHADA:  
O BAIRRO RECIFENSE E SUA IDENTIDADE  
NO CORAÇÃO DO LUGAR**

**OF BELÉM THE ENCRUZILHADA:  
THE RECIFENSE NEIGHBORHOOD AND YOUR IDENTITY  
IN THE HEART OF PLACE**

**Bruno Maia Halley**  
Doutorando em Geografia pela UFF  
**bhalleype@hotmail.com**

*É que o bairro possui determinadas características muito próprias que, com o passar do tempo, se reforçam e acabam por individualizá-los de maneira inconfundível, tanto para os que nele habitam como no conceito geral da população citadina.*

*Renato Silveira Mendes*

**RESUMO**

A análise da cidade constitui-se sempre num desafio. Tornado ainda maior quando se observam, na ordem do dia, novos modos de vida que tendem a diluir e doravante extinguir a espessura do lugar. No entanto, a despeito dessa realidade embriagada pelo novo, emerge aqui e acolá nas grandes metrópoles, aspectos comuns da vida de bairro que acabam por reforçar, em algumas dessas unidades urbanas, uma individualidade particular dentro da cidade. Assim, o presente trabalho tem por objetivo desvendar e analisar as especificidades que revelam essa identidade própria do bairro dentro do urbano, tomando como foco de análise o “coração do bairro” da Encruzilhada (Zona Norte da cidade do Recife), na condição de recanto principal da identidade local. Um espaço simbólico marcado historicamente pelos diferentes caminhos ali cruzados, e pelos profundos laços afetivos dos moradores com o lugar, construídos cotidianamente em expressivas e duradouras relações interpessoais.

**Palavras-chave:** Encruzilhada; Coração de Bairro; Identidade; Lugar.

**ABSTRACT**

The analysis of the city constitutes always challenging. Becoming even greater when looking, on the order of the day, new ways of life that tend to dilute and henceforth extinguish the thickness of the place. However, despite this reality inebriated by the new, emerges here and there in large cities, common aspects of neighborhood life that end by reinforce, in some of these urban units, a particular individuality within the city. Accordingly, the study present aims to uncover and analyze the specificities that reveal the identity of the neighborhood within the urban, taking as the focus of analysis the 'heart' of neighborhood of Encruzilhada (Zone North of Recife), in the condition that corner main of local identity. A symbolic space marked historically by different paths crossed here, and by deep affective ties of the residents with the place, built daily in expressive and lasting interpersonal relations.

**Keywords:** Encruzilhada; Heart Neighborhood, Identity, Place.

## NOTAS INICIAIS

Órgão do corpo humano responsável direto pela existência, o coração tem a função de bombear por múltiplos vasos e artérias a circulação da corrente sanguínea na direção de outras partes do organismo. Com efeito, o mesmo pode-se dizer do núcleo central de bairros que carrega consigo o “pulsar” mais intenso da vida local, estimulando e ressoando suas especificidades para outros recantos da célula urbana. Não por acaso, ter afirmado Mendes (1958, p. 186), que ao se estudar um bairro, uma categoria de difícil definição, tornar-se-á mais perceptível “reconhecer-se e identificar-se o seu núcleo principal, o ‘coração’ do bairro”, do que suas áreas de transição. Fronteiras imprecisas que acabam por confundir e divergir o sentimento coletivo dos habitantes de morarem em tal ou qual bairro.

Nesse sentido, a comunicação ora apresentada tem por objetivo desvendar e discutir os diferentes elementos que simbolizam e demarcam a existência da identidade central de bairro, tomando como foco de análise a Encruzilhada. Unidade urbana situada na Zona Norte da cidade do Recife que será apreendida à luz do conceito de lugar e da categoria bairro, considerando os modos de vida passada e atual, as construções simbólicas, e, por conseguinte, a personalidade da Encruzilhada subjacente a tais especificidades. Outrossim, o texto centra-se nos aspectos históricos da formação do bairro a partir de informações contidas em teses, dissertações, artigos de jornais e revistas que se propuseram registrar a expansão urbana do Recife, e, conseqüentemente, da Encruzilhada no bojo desse processo.

À luz dessa perspectiva, vale ressaltar que a denominação do bairro emana justamente dos diferentes caminhos ali intercruzados, e, que igualmente concentram o “palpitar” mais intenso da vida no lugar, desde seu advento no século XVIII, passando pelos trilhos da maxambomba no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, até chegar à égide da modernização do subúrbio em meados do século passado, e depois na etapa atual de ebulição metropolitana. A primeira etapa desta periodização será evidenciada na sequência a partir de uma revisitação das origens do bairro quando ainda se chamava simplesmente Belém.

## **Do Povoado de Belém ao Cruzamento Urbano: as Origens do Bairro da Encruzilhada à Luz das Maxambombas**

“Vinham apitando de longe os trens do Recife, de Olinda e de Beberibe. E ali cruzavam-se. Era uma espetáculo curioso e agradável o encontro dessas três composições. Paravam um perto do outro” (SETTE, 1938, p. 276). A descrição do cronista Mário Sette demonstra com clareza e exatidão a importância do bairro da Encruzilhada enquanto ponto de convergência de trens no Recife do último quartel do século XIX.

Outrora denominado Belém, o bairro da Encruzilhada deve seu surgimento, no princípio do século XVIII, à sua posição estratégica na ligação da área continental do Recife ao centro e a cidade de Olinda. Neste momento havia na localidade as ermidas de Nossa Senhora de Belém e do Rosarinho, que findaram desaparecendo. Anos depois, no entanto, construiu-se outra com a mesma invocação da primeira capela, conforme recorda Galvão (1921).<sup>1</sup>

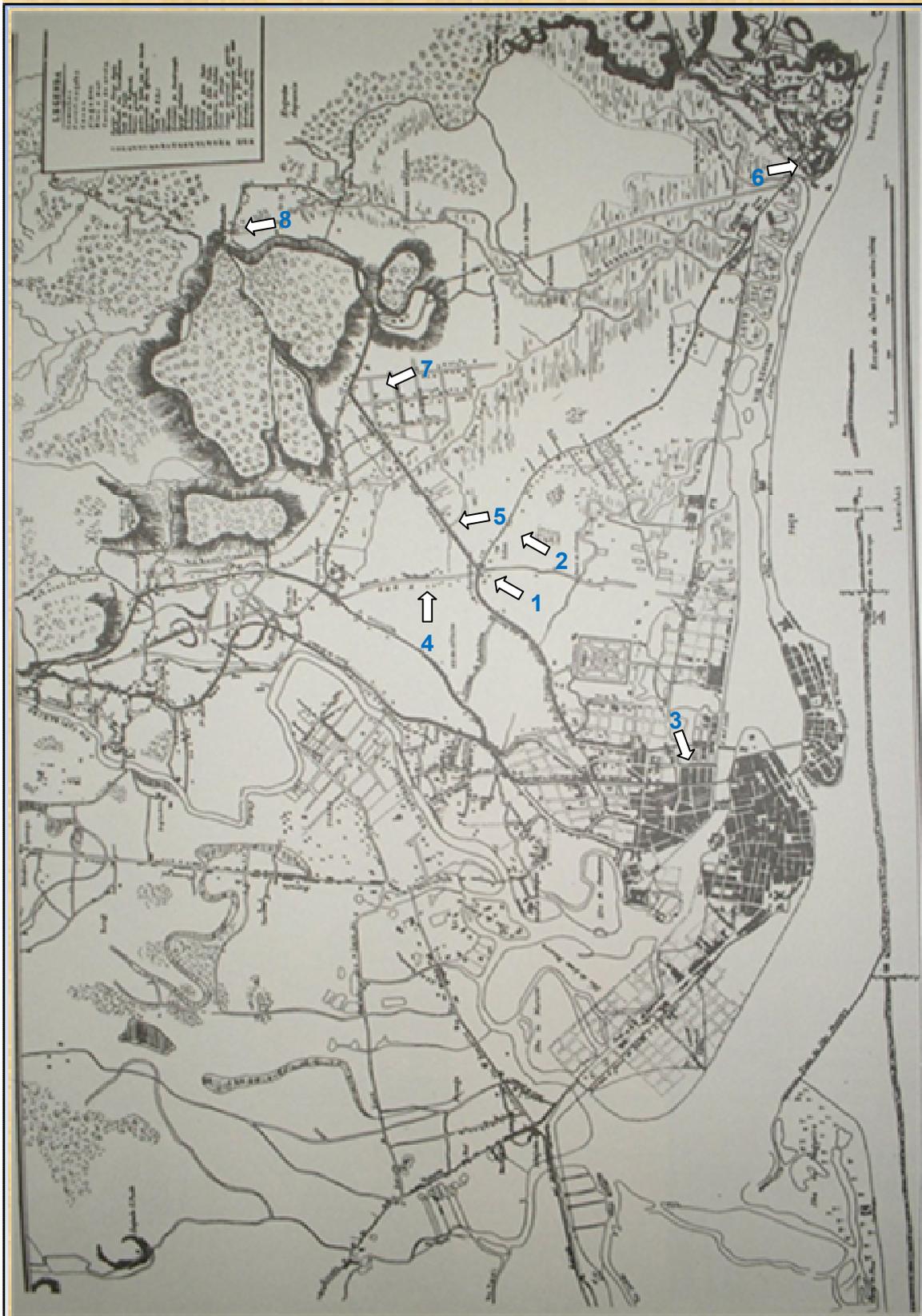
Ainda sobre estes aspectos históricos do povoado, acrescenta Guerra (1972, p. 179), que as estradas transitadas do Rosarinho, de João de Barros, e do Maduro “convergiam todas para Belém, d’onde partiria mais tarde a estrada Nova do Beberibe, em direção aos morros de Água Fria, e onde já existia, aliás, há anos, um caminho aberto na direção de Olinda” (Figura 01). A comunicação entre estas localidades era estabelecida, inicialmente, por diligências a tração animal, que depois cederam lugar, na segunda metade do século XIX, aos bondes de trilhos puxados por burros. Esses bondes ligavam o Recife aos povoados mais próximos. Aos mais longínquos e a Olinda, disponibilizaram o transporte ferroviário da “maxambomba”, locomotiva a vapor composta por três vagões de passageiros que conectava a capital ao arrabalde de Apipucos (o mais habitado), e depois, aos povoados de Dois Irmãos, Casa Amarela e Várzea.

Coube a *Empresa dos Trilhos Urbanos do Recife a Apipucos* o encargo pela exploração da via-férrea nessas zonas, mantendo-se em atividade por aproximadamente cinco décadas.

---

<sup>1</sup> Centrado neste plano histórico, Sebastião Galvão (1921, p. 57) acrescenta que esta capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição fora “[...] fundada em 1764 por Ignácio Ribeiro de Melo. No chão e sobre o ladrilho do corredor dessa capella, em 2 de fevereiro de 1849, até o dia 3, quando foi conduzido para o Recife, em uma rêde, esteve 24 horas depositado o cadáver do legendário Desembargador Joaquim Nunes Machado, a alma da Revolução Praieira e victima, cahindo atravessado por uma bala, o combate da Soledade, do mesmo dia 2 de fevereiro. Em 1874, no dia anniversario de sua morte, para assignalar o sitio em que jazeu seu corpo inanimado, foi colocada uma lapide commemorativa [...].

No primeiro decênio de existência (1870), também abriu-se concessão para linhas com destino a Olinda e ao arrabalde de Beberibe, cuja principal estação era a Encruzilhada. Um entroncamento da cidade, onde se ergueu vistosa estação com três amplas plataformas, e ao lado, na área do atual mercado público, um edifício, o da *Companhia de Trilhos Urbanos de Recife a Olinda e Beberibe*, que abrigava as oficinas e depósitos da empresa.



01 Encruzilhada – 2 Estrada de Belém – 3 Centro do Recife – 4 Estrada do Rosarinho – 5 Estrada Nova de Beberibe – 6 Olinda – 7 Água Fria – 8 Beberibe.

Figura 01: A Cidade do Recife e seus Arredores no Século XIX – com indicações para o arrabalde da Encruzilhada, alguns povoados circunvizinhos e estradas suburbanas. Fonte: MENEZES (1988).

À medida que a expansão urbana do Recife se processava no final do século XIX, a Encruzilhada de Belém (incorporando o primeiro nome dada importância dos diferentes trilhos que ali se cruzavam) se apresentava como centro de muita atividade, com estações tanto na Estrada do Rosarinho (hoje, Rua Dr. José Maria) como no largo, que também possuía comércio a retalho e uma feira permanente de frutas, verduras e carnes (Figura 02). Outro aspecto importante na localidade eram os trens procedentes de Limoeiro que descarregavam ali “os bois, onde eram encaminhados para matadouro dos Peixinhos, através da Estrada de Belém”, conforme destaca Arlégo (1987).



Figura 02: Desenho da Maxambomba e Feira Livre da Encruzilhada no Século XIX.  
Fonte: SETTE (1938).

Com as metamorfoses mais aceleradas na cidade em decorrência da modernização do transporte urbano coletivo, a vida do até então arrabalde da Encruzilhada de Belém começara a se alvoroçar, recebendo um impulso vigorado e continuado de novos hábitos e costumes, especialmente nas noites dedicadas aos pastoris. Este folguedo popular do folclore nordestino

atraía inúmeras pessoas à Encruzilhada durante os fins de semana, com suas pastoras de fitas encarnadas e azuis a cantarem requebros “[...] sob a direção de um mulato chamado Herotides que dançava de ‘velho’ e era de famoso e equívoco renome”, no dizer de Sette (1938, p. 11). A apresentação desta manifestação cultural realizava-se nos tablados erguidos nos “[...] barracões de lona ou de madeira enfeitados de bandeiras e iluminados a acitilene” (SETTE, 1938, p. 11) ou nas antigas casas de espetáculo, que também abriam as portas para os ensaios das agremiações carnavalescas. Eram os maracatus, caboclinhos, clubes, e troças que ditavam o ritmo do lugar antes e durante o período de momo.

No ciclo junino, o arrabalde se enfeitava com espírito festivo, popular e de tradição com suas bandeiras, fogueiras, quadrilhas e crenças na celebração dos santos do mês. As procissões de Santo Antônio, São João e São Pedro, cessavam o burburinho das ruas em dia de feiras, de trens e comércio ou em noite de festas. Também, no pátio da Igreja de Belém, nas festas de natal e ano novo, havia a apresentação de fandangos, de bumba-meu-boi, mamulengo e no dia de reis, a cerimônia do “queima da lapinha”. Percebe-se, pois, que seu desenvolvimento também está vinculado ao Catolicismo Romano, posto que no Recife, assim como acontecera em outras cidades da mesma época, “os bairros geralmente coincidiram com as capelas, e foi, a partir delas e das igrejas que foram sendo configuradas as modalidades da vida de bairro” (SEABRA, 2000, p. 12)

No entanto, nas primeiras décadas do século XX, o Recife passa a presenciar o desenvolvimento de novas práticas, ditas modernas, que se desdobraram dada a importância regional da cidade que se encontrava em sintonia com as mudanças derivadas da expansão das práticas capitalistas. Sobretudo àquelas que atendiam por “eliminar as feições coloniais e tropicais através da tríade urbanizar, civilizar e modernizar”, conforme aponta Rezende (2002, p. 95). Esses novos aspectos que foram sendo introduzidos ao cotidiano da cidade serão discutidos e analisados a partir das transformações processadas na vida do bairro da Encruzilhada no decorrer dos feitos modernizantes do limiar do século XX, marcado pela requalificação dos subúrbios recifenses a partir do advento e inovação dos aparatos técnicos e também da melhoria da infraestrutura urbana.

## **A Encruzilhada no Decorrer da Modernização dos Subúrbios Recifenses**

Dos bairros integrantes da área setentrional do Recife, seguramente se constitui a Encruzilhada na maior representatividade da modernização dos subúrbios da cidade nos iniciais decênios do século XX. Durante esse período de profundas metamorfoses nos hábitos e costumes da população, o bairro conheceu significativas mudanças, dentre as quais sobressaem: a substituição da maxambomba pelo bonde elétrico em 1914; o calçamento das principais ruas, a construção de praça, largo, mercado e biblioteca pública; a retirada de mocambos, a instalação de serviço de energia elétrica, e a presença constante na vida do bairro de automóveis, aviões e outras tantas aparatos modernos que encantaram o Recife naquele momento.

Prova marcante desse processo, fora a inauguração do monumento em homenagem à tripulação do hidroavião Jahu procedente de Gênova (Itália), no Largo da Encruzilhada (1927). Um evento festivo com barracas, fogos de artifícios, apresentações musicais e carrosséis. O que evidenciava na cidade elementos representativos da sua modernidade e das mudanças que as invenções modernas imprimiam no seu cotidiano, principalmente àquelas advindas dos equipamentos domésticos (o rádio, a grafonola, a geladeira, o telefone e as câmeras fotográficas) (PEREIRA DA SILVA, 2002).

Dessa forma, as mudanças tornaram-se mais intensas, e com elas, a perda de antigos referenciais da vida provinciana que tanto caracterizava o bairro, a exemplo das manifestações culturais, anteriormente destacadas (bumba meu boi, mamulengo, pastoril, fandango, das retretas das bandas de música, e dos teatros), que iam perdendo o sentido com as novidades. Especialmente, após o advento do cinema e do futebol. No bairro analisado, existia o suntuoso Cine Encruzilhada, cujo início de suas sessões a procura era tanta

[...] que calçadas se enchiam e os bondes passavam a custo. As salas de espera ficavam de não de mexer um braço. As bilheterias eram assaltadas pelos candidatos a ingressos. Não se falava em outra coisa em toda a cidade e desciam matutos do interior com os secos de curiosidade (SETTE, 1938, p. 139-140).

O futebol trazido pelos ingleses, igualmente possuía seus adeptos. O time do bairro, Centro Esportivo Encruzilhada, rivalizava as atenções com as equipes vizinhas da João de Barros e da Associação Atlética do Arruda. A prática futebolística entre ambas as equipes

constituía-se em particularidades importantes para o estabelecimento de diferenças nos bairros, que ganhavam visibilidade e “[...] firmavam identidades, não só a partir dos jogos nos campos de futebol, mas também pelas representações, imagens e discursos nos quais se desdobrava” (SEABRA, 2000, p. 15).

Vale ainda destacar nessa época, o expressivo carnaval do bairro ali festejado, quando então se interditava as ruas do lugar e os passageiros do bonde eram obrigados a realizar baldeação, descendo do transporte, para continuar a viagem em outro elétrico da linha. Os blocos de folia, como Madeira e Inocentes do Rosarinho, Clube das Pás Douradas, Maracatu de Dona Santa, vinham se exibir no largo que ficava tomado por bandeiras, dispondo ainda de palanque, barracas, bares e sistema de auto-falante por onde se ouvia, exclusivamente, o cancionero da música popular pernambucana (SETTE, 1938).

Subjacente a esse período de novas sociabilidades, o governo Sérgio Loreto (de 1922 a 1926), inicia a modernização dos subúrbios da Encruzilhada, Afogados e Casa Amarela, construindo ou reformando edifícios e logradouros públicos nesses espaços. Na Encruzilhada, por exemplo, o antigo prédio da Companhia de Trilhos Urbanos (aqui já citado) fora convertido em mercado público, que, por sua vez, no ano de 1950, durante a gestão do prefeito Manuel César de Moraes Rêgo, fora remodelado como forma de atender aos pedidos de uma cidade que demandava traços modernos. Assim, de acordo com o historiador Cavalcanti (1998, p. 101), a inauguração do Mercado da Encruzilhada contou

[...] com a presença de altas autoridades, destacando-se entre elas o governador do estado Dr. Barbosa Lima Sobrinho, valendo salientar que naquela oportunidade acontecia nesta capital a semana do Engenheiro, motivo pelo qual houve, no ato da solenidade inaugural do Prédio Público, significativa presença de técnicos, oriundos de várias regiões do País, inclusive do então Presidente do Conselho Nacional de Engenharia Dr. Morales de Los Rios. Que cortou a fita simbólica.

Dessa década, também se registra a conformação do Largo da Encruzilhada, bem como da biblioteca pública, da maternidade pública, e da Escola Técnica Estadual Agamenon Magalhães – ETAPAM, erguidos no entorno da área central. Essas construções associadas à outras impulsionaram a criação de um centro comercial no bairro. Com efeito, no ano de 1958, a prefeitura do Recife projeta a área do sub-centro delimitando a construção de “prédios-galerias” (Figura 03) caracterizados pelo uso misto de moradia e comércio, com este

último ocupando o andar térreo. Eles (os edifícios) seguem os alinhamentos das ‘esquinas’ onde se localizam, e encontram-se espalhados na área circunvizinha ao Largo da Encruzilhada. Constituem-se símbolos importantes do processo de modernização dos subúrbios recifenses ao longo das décadas de 50 e 60 do século passado.

Segundo o estudo elaborado por Rolim (1999), esses prédios representam exemplos nítidos do processo de modernização dos subúrbios do Recife, sob inspiração de uma arquitetura pregada por Alfred Agache. Urbanista responsável pela forma como se apresenta a Avenida Guararapes, no centro do Recife, que prima pelos volumes soltos em relação aos limites dos lotes, defendendo, assim, a monumentalidade e os efeitos de perspectiva das construções no espaço circundante.

No tocante ao momento posterior da construção desses prédios, verifica-se no bairro a emergência de novos estabelecimentos comerciais que de imediato passaram a registrar novas formas de cultivo dos modos de vida, em detrimento de outros que iam desaparecendo (a exemplo dos cinemas, do futebol de bairro e do carnaval local). Foram os bancos, supermercados, restaurantes, e outros empreendimentos que promoveram a materialização de variados tipos de relações, dos quais suscitaram um novo estilo de lazer e consumo entre os moradores no interior do bairro, que se desenvolvia à ‘toque de caixa’.



Figura 03: “Prédio-galeria” no Largo da Encruzilhada – O Uso Misto da Construção.  
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, agosto de 2013.

Consta-se ainda desse período (1977), durante as obras de reestruturação do largo público, a demolição do monumento ao *Jahu* (anteriormente mencionado) e do simbólico abrigo dos bondes, representando uma perfeita incoerência das autoridades municipais com a memória dos moradores do bairro. Em 1997, no entanto, outro monumento em homenagem aos pilotos do hidroavião fora entregue a população do bairro, com características destoantes que pouco recordam os traços originais do primeiro registro material (Figura 04).



Figura 04: Monumento ao *Jahu*, e o Comércio Popular no Largo da Encruzilhada.  
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, agosto de 2013.

Na ordem do dia, apesar das constantes mudanças no bairro, a Encruzilhada ainda apresenta-se como um espaço de expressiva magnitude dentro da cidade. Caracterizando-se, sobretudo, por seu significativo centro comercial e pelos seus distintos caminhos que ali se

encontram, formando um verdadeiro entroncamento de logradouros (ruas, avenidas, estradas), onde as pessoas flanam, conversam e se distraem compartilhando os sentidos e significados do lugar.

Essa realidade singular reforça a concepção de bairro, entendido como o resultado de um conjunto de relações sociais que passam pela consciência histórica de pertencerem a uma localidade, “cujos limites podem ser definidos pelo grau de relações entre as pessoas ao viverem um mesmo cotidiano, problemas de rua ou quarteirão, cria um clima de ‘cumplicidade’ para viver ou encontrar saída para os mesmos” (SCARLATTO, 1988, p. 178/9). Portanto, o bairro da Encruzilhada será apreendido e discutido na seqüência, a partir das relações de pertencimento estabelecidas pelos moradores no lugar. Ou melhor, no seu núcleo central, lócus que concentra a delimitação real e simbólica da identidade local no contexto da cidade do Recife.

### **“Coração de Bairro”: a Identidade do Lugar numa Encruzilhada de Caminhos**

Nos seus escritos a respeito do conceito de bairro, Mendes (1958) apontou nas unidades urbanas, que representam a cidade de São Paulo, a presença de uma identidade central no seu tecido, concentradora de múltiplas e sintomáticas relações que acabavam por individualizar os diferentes fragmentos na metrópole. No caso do Recife, a Encruzilhada se mostra bastante elucidativa ao entendimento dessa realidade, sobretudo quando se constata no seu âmagô a importância do entroncamento de caminhos para a cidade, e para o próprio lugar.

Conforme visto, de pequeno povoado surgido em meados do século XVIII, o antigo arrabalde logo tomou vulto em decorrência da sua posição estratégica na comunicação do Recife com Olinda e outros povoados (Limoeiro e Beberibe). Nessa perspectiva, fora a partir desse ponto convergente de estradas que a Encruzilhada adquiriu as modalidades da vida de bairro, e, por conseguinte, todo sentido, nome e identidade do lugar na cidade. Emergindo ali, ao longo da sua formação, estações de trens e bondes, feiras livres, mercados, cinemas e pátios, afora distintas construções das mais variadas práticas e usos.

Não por acaso, na ordem do dia, ainda se compreenda por “coração” da Encruzilhada todo espaço inicial da localidade que abrange a área do mercado e entorno próximo (no chamado sub-centro comercial), até o começo das inúmeras avenidas e ruas inseridas no novelo de logradouros (Figura 05). Logo, daí resulta a delimitação da sua identidade central,

e, por conseguinte, da pulsante vida do bairro. Aqui entendido não apenas como um espaço físico demarcado, “[...] com suas formas e funções específicas, mas como a representação mais legítima da dimensão urbana da vivência cotidiana” (SILVA, 1999, p. 12). A propósito, o depoimento do frequentador da Encruzilhada, Sr. Cláudio Costa Senna, de 72 anos de idade, expressa de forma sintomática essa dimensão da vida cotidiana do bairro no bojo do uso comum dos espaços públicos:

Eu gosto muito da Encruzilhada, porque aqui tem muito lazer... E onde vou vivendo minha aposentadoria... Só volto para casa para dormir... Mas no outro dia eu venho novamente para aqui... Só não venho no domingo, porque recebo a família em casa... Eu frequento muito o abrigo de dominó... Eu frequentava muito o Mercado, mas um grande amigo meu, que trabalhava lá acabou morrendo, e aí eu fiquei muito triste... Daí eu fico mais na coberta (abrigo do “dominó”), lá eu me divirto e descanso nos bancos, sentadinho, vivendo até quando Deus quiser. Eu fico aí até tarde da noite vendo o movimento das coisas... Minha vida é aqui mesmo (Cláudio Costa Senna, frequentador da Encruzilhada há 50 anos - agosto de 2013).

As palavras do aposentado Cláudio Costa reforçam a concepção de bairro como um lugar enquanto produto das relações sociais humanas a partir das relações sociais que se realizam no plano do vivido, no plano do cotidiano, onde o homem se reconhece, porque é o lugar da vida (CARLOS, 1996). Na Encruzilhada, isto se torna perceptível nos pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentidos que criam laços profundos dos moradores com o lugar. Trata-se, sobretudo, das relações interpessoais, às vezes duradouras e significativas, que traçam as rotas do ir e vir dos habitantes, sem que por isso as relações sociais que passam pela consciência histórica de pertencimento sejam questionadas. Outrossim, os diferentes vínculos de pertinência do indivíduo aos pontos de encontros do bairro regem as práticas dos moradores, permitindo-os perceber a fluidez e às coisas comuns do lugar.

Nesse sentido, o Mercado da Encruzilhada (Figura 06), construído em 1950, apresenta-se com uma das referências históricas, ou ainda, um recanto simbólico que dita o ritmo da intimidade e intensidade da vivência local. São várias as atividades desenvolvidas no mercado incluindo desde a comercialização de cereais, frutas, verduras, produtos de mercearia, artigos importados, confecções e carnes, até a criação de animais vivos (carangueijos, aves), a prestação de serviços diversos – por cabeleireiros, barbeiros, sapateiros etc. -, sem falar nos bares, nas bancas de jogo do bicho e nos inúmeros fiteiros.

Assim, parafraseando Silva (1999), dentro do próprio contexto da bairro, o mercado se configura como um espaço de grandes potencialidades, imbuído de variadas significações conferidas pela própria sucessão de relações estabelecidas no seu interior. Desse modo, o depoimento da comerciante do mercado, e também moradora da Encruzilhada, Dona Ana Rita Félix, externa com clareza a satisfação em residir e trabalhar no lugar de vivência:

Gosto da Encruzilhada. É muito legal morar aqui, tenho muitos amigos aqui no mercado. E fora do mercado tem muita coisa boa, mas tem a violência, muita gente dormindo na rua... Você sabe... Mas mesmo com isso acho o ambiente bom... Eu moro no Edifício Santo Antônio, aqui do lado. Aí é muito bom de morar... A vizinhança é boa e tranquila... Aqui tem vida própria, tem todos os bancos, todas as farmácias e lojas... Não precisa ir a outro lugar. É maravilhoso morar aqui... Se me perguntasse entre morar na Encruzilhada ou em Boa Viagem, eu preferia a Encruzilhada! Aqui eu tenho vida própria, mas junto com todos. Não preciso ficar horas e horas no trânsito, se acaso eu me sentir mal, num instante eu sou socorrida aqui! (Ana Rita Félix, moradora da Encruzilhada há 60 anos - agosto de 2013).

Percebe-se através da narrativa da moradora, a opção em residir na Encruzilhada, um bairro eleito afetivamente como um *lugar de vida própria*, e, por assim ser, a pessoa que ali mora também tem uma *vida própria, mas junto com todos*. O que evidencia assim uma intensa “bairrofilia” (SOUZA, 1988), onde “o bairro corresponde a uma certa parcela da cidade que por força de relações sociais, constitui para o indivíduo um espaço vivido e sentido” (SOUZA, 1989, p. 149). Esse sentimento emana especialmente no “coração do bairro”, a referência comum que os moradores têm de pertencimento ao lugar – seu ponto de partida e chegada na ampla estrutura do espaço.



Figura 05: Largo da Encruzilhada e o Novelo de Caminhos  
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, novembro de 2010.

No núcleo de vivência da Encruzilhada ainda se encontra a Paróquia Nossa Senhora de Belém. Situada na Estrada de Belém, a paróquia ainda representa um importante local de construção de sociabilidades na vida do bairro. Nesse sentido, afora os encontros semanais nas missas, casamentos e outras cerimônias, nos dias de procissão as múltiplas ruas da Encruzilhada são tomadas pela fé de seus fiéis em homenagem aos santos padroeiros do Catolicismo Romano. Também ali próximo, a Vila do Moinho constitui-se num recanto bucólico, marcado por um conjunto de valores e símbolos sobre os quais se assenta o conteúdo concreto da existência, resultado das relações amiudadas que se desenvolvem no interior do bairro, construindo o cotidiano no lugar, através das relações de vizinhança, dentre

tantas outras ocasiões propícias ao conhecimento, ao envolvimento mútuo dos moradores (CARLOS, 1996).<sup>2</sup>



Figura 06: Mercado da Encruzilhada e a Conversa entre os Moradores e Comerciantes do Bairro.  
Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, agosto de 2013.

Nessa perspectiva, vale igualmente destacar os abrigos de ônibus e os pontos de táxi, enquanto espaços representativos da vivência cotidiana da Encruzilhada. São nesses lugares que frequentemente as pessoas se encontram, acenam e travam pela manhã as primeiras comunicações antes de seguirem ao trabalho. No final do dia, elas voltam a se encontrar desprovidas de maiores afazeres, e logo passam a jogar “dominó” com alguns senhores aposentados nas mesas distribuídas ao longo do largo (Figura 07), ou a conversarem nos

---

<sup>2</sup> Outrora, a área da Vila do Moinho pertencia ao Centro Esportivo Encruzilhada. Contudo, em 1940, durante o governo do interventor federal Agamenon Magalhães, durante a política do Estado Novo (1937-1945), fora construído o conjunto residencial que fora ocupado pelos operários da Fábrica Moinho Recife, localizada no centro da cidade, passando a integrar o somatório de ações elaboradas por este governo contra as habitações do tipo ‘mocambo’ no Recife.

bancos e cadeiras das lanchonetes e bares do entorno. Os temas debatidos entre o freguês e o comerciante, encontram-se marcados por certa pessoalidade, sempre possível nessa forma tradicional de relação, onde os contatos não se estabelecem apenas entre situações mediadas pelo dinheiro, muito embora as disputas de “dominó” envolvam também quantias a serem apostadas pelos jogadores que estão entre os seus.



Figura 07: Coberta do “Dominó” no Largo da Encruzilhada - os Freqüentadores do Bairro em Momento de Lazer.

Fonte: Arquivo Pessoal do Autor, agosto de 2013.

Outros estabelecimentos comerciais, a exemplo de bancos, supermercados, e farmácias, disputam o espaço do bairro com outros comerciantes (informais) num vai e vem de mercadorias e informações que acabam por redimensionar todo movimento da vida local. Uma vida marcada, sobremaneira, pela solidariedade entre as pessoas e por outras tantas práticas cotidianas (a conversa na calçada, as partidas de cartas e/ou dominó, o encontro e a conversa diária nas padarias no final de tarde, o jogo de bola das crianças na rua, ou a ida dos

mesmos as escolas, a troca de informações na feira livre aos sábados, as missas etc.) que definem e elegem o bairro como lócus das relações cotidianas dos seus moradores, não obstante as metamorfoses impostas pela intensificação das relações sociais além dos seus “limites”.

Nessa perspectiva, no âmbito das coações impostas pela metrópole, observa-se na Encruzilhada a emergência de um novo modo de vida, marcado por relações frias, anônimas e impessoais. Trata-se dos contatos estabelecidos pela rede de supermercados, magazines e lojas de comércio especializado, que impõem ao “coração do bairro” uma relação indireta entre as pessoas do lugar. À luz desse contexto, o mercado, a pequena feira e o comércio popular enfraquecem suas atividades: a costureira se transforma de criadora de roupas em sua mera reparadora, o sapateiro e o consertador de panelas torna-se um profissional raro... É diluído, assim, os antigos aspectos do comércio de bairro face às novas relações marcadas por um individualismo associado à uma inteligibilidade social, contraposto do sentido de bairro enquanto refúgio envolto de relações cotidianas e de identidade, onde a solidariedade é ainda exercitada (SILVA, 1999; CARLOS, 1996).

Contudo, malgrado os novos modelos de consumo e comportamento, persistem aqui e acolá, velhas formas e práticas cotidianas no bairro, resistindo bravamente à tentação e embriaguez pelo novo. O sistema de cadernetas (o “fiado”) ainda permeia parte das relações diretas entre as pessoas no mercado público, no ato da compra e venda, onde todos se conhecem, dentro de um contexto de relações de confiança. Outrossim, as barracas dispersas de frutas, legumes e verduras, a feira de roupas, as padarias, botecos, e fiteiros sobrevivem à invasão dos supermercados e magazines, na condição de pontos de encontro, além de lugares de mercado. Configurando-se assim, em enclaves de resistência, e também um dos atributos da identidade local no âmbito do seu “coração simbólico”.

## **À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À guisa de notas finais, cabe ainda ressaltar que a alma dos grandes centros urbanos se apresenta mais vivida e forte no “coração” dos expressivos e sintomáticos bairros tradicionais. Nesses pontos nodais, o “pulsar” das relações cotidianas se encontram mais bem

representadas em razão da efervescência e riqueza das práticas ali engendradas que marcam e ditam a cadência do lugar.

Sendo assim, o bairro da Encruzilhada e sua área central configuram-se num refúgio envolto de relações cotidianas e de identidade, onde a sociabilidade é ainda exercitada, a despeito de uma realidade atual embriagada pelo novo que obriga o morador a planejar e desenvolver a sua vida além do seu lugar de moradia. Desse modo, utilizando-se do dizer de Souza (1989, p. 149/150), “é imprescindível que uma realidade, para ser um bairro, desperte empatia no cidadão, pois é essa empatia [...] que é a base da identidade do bairro”, uma estratégia de resistência do lugar e de suas especificidades tecidas no interior da trama local.

## REFERÊNCIAS

- ARLÉGO, Edvaldo. **Recife, álbum de família**. Recife: Edições Edificantes, 1987.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e seus bairros**. Recife: Câmara Municipal do Recife, 1998.
- Sebastião de Vasconcellos. **Dicionário chorográfico, histórico e estatístico de Pernambuco**. v. 1 e 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.
- GUERRA, Flávio. **Crônicas do velho Recife**. Recife: Edição Dialgraf, 1972.
- MENDES, Renato Silveira. Os Bairros da Zona Norte e os Bairros Orientais. In: AZEVEDO, Aroldo de. (Org.). **A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana**. V. 3. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. p. 183-255.
- MENEZES, José Luiz da Mota. **Atlas histórico cartográfico do Recife**. Recife: Massangana, 1988.
- PEREIRA DA SILVA, Jaílson. **O encanto da velocidade: automóveis, aviões e outras maravilhas no Recife dos anos 20**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2002.
- ROLIM, Ana Luiza. **A modernidade nos subúrbios do Recife ou de como surge o edifício suburbano moderno**. 1999. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Centro de Artes e Comunicação, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1999.
- REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife, histórias de uma cidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

SCARLATO, Francisco Capuano. **O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro.** 1988. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, Universidade São Paulo, 1988.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Urbanização: bairro e vida de bairro. **Travessia, Revista do Migrante**, n. 38, ano XIII. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, 2000. p. 11-17.

SETTE, Mário. **Maxambombas e maracatus.** Recife: Edições Cultura Brasileira, 1938.

SILVA, Regina Celly Nogueira da. **As singularidades do bairro na realização da cidade** – um estudo sobre as transformações na paisagem urbana do bairro da Torre na cidade de João Pessoa – PB. 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1999.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia.** V. 51, n.2, abr/jun. Rio de Janeiro, 1989. p. 139-172.

\_\_\_\_\_. **O que pode o ativismo de bairro? Reflexão sobre as limitações e potencialidades do ativismo de bairro à luz de um pensamento autonomista.** 1988. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

Recebido para publicação em 18/07/2012

Aceito para publicação em 20/08/2013